

Recortes de Imprensa

Março 2017



Apoio:



Pais agredidos pelos filhos

Todos os dias há, em média, um pai ou uma mãe agredidos pelos filhos, revelam dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). A Associação registou 1.777 casos entre 2013 e 2015. Contas feitas, são mais de 592 casos por ano, o que representa pelo menos um caso por dia. Entre as vítimas, mais de 83 por cento são mulheres (correspondendo a 1475 denúncias) e em cerca de 49 por cento dos casos tinham 65 anos ou mais de idade. No total, dos mais de 1700 pedidos de ajuda feitos à associação, 4.327 implicam atos criminalizados como furto, ameaça e coação, os maus tratos físicos e os maus tratos psíquicos.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Cem mulheres agredidas pedem ajuda à APAV todas as semanas

☛ Todas as semanas recorrem à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima 102 mulheres vítimas de agressões, em contexto de violência doméstica, revelou Catarina de Albuquerque, vice-presidente da APAV. Às mulheres juntam-se 19 idosos, 21 crianças e jovens e 15 ho-

mens que são atendidos todas as semanas. Marcelo Rebelo de Sousa esteve ontem nas instalações da APAV e apelou ao fim do silêncio. “É preciso pegar no silêncio, aquele cúmplice, do deixa andar, e dar-lhe voz. Não nos podemos calar”, disse o Presidente da República. ●M.P.



MANUEL DE ALMEIDA/LUSA

Presidente visitou a APAV



SOBE
CATARINA DE
ALBUQUERQUE
VICE-PRES. DA APAV



Responsável da APAV revelou ontem que 50 mulheres foram protegidas em casas-abrigo no ano passado em todo o País.

DESCE
CUNHA
RIBEIRO
EX-PRESIDENTE DO INEM



Antigo patrão da saúde em Lisboa saiu da prisão até ao julgamento mas a justiça entende ter as provas consolidadas por corrupção.



ID: 68547938

09-03-2017

Associação de Apoio à Vítima vai ter novas instalações em Ponta Delgada

A propósito do Dia Internacional da Mulher que se assinalou ontem, o Governo dos Açores celebrou a efeméride, em Ponta Delgada, formalizando a cedência de um imóvel à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) destinado à instalação do Centro de Atendimento e Acompanhamento Social desta instituição.

"Através desta cedência, o Governo dos Açores procurou garantir mais um ambiente diferenciado, com condições, seguro, que as pessoas possam habitar em função das suas necessidades, contando sempre com serviços de apoio de qualidade", afirmou a Secretária Regional da Solidariedade Social.

Na sua intervenção, Andreia Cardoso reafirmou o compromisso do Governo dos Açores com "a implementação de uma política concertada e estruturada de combate à violência doméstica e de género", destacando o facto dos últimos relatórios nacionais indicarem que a Região Autónoma dos Açores foi a que registou a maior redução do número de casos sinalizados.

Andreia Cardoso, constatando que "os vários agentes sociais nem sempre concordaram sobre quais deveriam ser as respostas dadas às vítimas", destacou os progressos alcançados nesta matéria ao nível da Região, salientando que "hoje trabalhamos colectivamente, com objectivos comuns e somos, efectivamente, aliados no combate a este flagelo".

"Em grande parte", reconheceu a titular da pasta da Solidariedade Social, devido à "persistência e tenacidade" das instituições parceiras nesta área e "em medida igualmente relevante, pela progressiva abertura institucional com vista



O Presidente da APAV, estima que a associação se mude para o novo imóvel até ao final do ano

a um trabalho concertado que procurou, acima de tudo, garantir uma resposta multidisciplinar e eficaz".

O novo edifício permitirá uma redução de despesas anuais com rendas de cerca de 6.000 euros, sendo que o funcionamento desta valência já é apoiado através de um Contrato de Cooperação Valor-Cliente, celebrado entre a APAV e o Instituto de Segurança Social dos Açores.

"Espero que este espaço, mais do que uma casa para as pessoas afectadas por este flagelo e para as pessoas que as defendem, seja uma lembrança constante de que o nosso trabalho tem de ser diário, persistente e inabalável na luta contra a

violência em todas as suas formas," afirmou Andreia Cardoso.

A cedência do edifício, situado na Praça Dr. José Almeida Pavão Júnior, em Ponta Delgada, foi aprovada na reunião do Conselho de Governo realizada a 13 de Fevereiro e encontra-se definida nos termos da Resolução de Conselho de Governo n.º 19/2017, de 8 de Março de 2017.

Segundo dados do gabinete de apoio à vítima de Ponta Delgada da APAV, relativos a 2015, foram registados 613 processos de apoio.

Num total de 494 vítimas directas, assinalaram-se 910 crimes e/ou outras formas de violência. O trabalho realizado com os utentes da APAV resultou de um

total de 2.468 atendimentos.

Das 494 vítimas de crime que recorreram aos serviços da APAV em Ponta Delgada, 78% eram mulheres, na sua maioria casadas, entre os 25 e os 54 anos (33,4%).

Nesse ano, os crimes contra as pessoas representam 94,3% do total de registos na associação, nomeadamente a violência doméstica (79,2%), realçando alguns crimes em particular fora desta categoria, o do crime de dano (1,1%) e o crime de 'stalking'/assédio persistente (1,5%).

As denúncias chegaram pelo telefone em mais de 50% das situações e foi, geralmente, o próprio utente a estabelecer o contacto.

No fim do ano deve estar a funcionar em edifício cedido pelo Governo Regional

APAV Açores vai funcionar em instalações com melhores estruturas físicas e mais salas de atendimento

A Secretária Regional da Solidariedade Social e o Presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) assinaram ontem um protocolo com vista à cedência de um imóvel por parte do Governo Regional à APAV Açores, situado em Ponta Delgada, no qual a delegação regional daquela associação vai passar a funcionar, a partir do final do ano.

Na cerimónia de assinatura do protocolo, realizada no Dia Internacional da Mulher, o Presidente da APAV, João Lázaro, explicou que “nestes 10 anos de APAV Açores, muita coisa evoluiu e existe a necessidade de as instalações terem condições melhores que salvaguardem o trabalho da associação, quer em número de salas de atendimento, quer ao nível do próprio conforto das instalações”.

Com a cedência do imóvel, sito na Praça Prof. Dr. José de Almeida Pavão Júnior, n.º 22, na freguesia de São Pedro, a APAV Açores irá beneficiar de uma melhoria das estruturas físicas para o cumprimento da sua missão.

“As novas instalações vão albergar todos os serviços integrados da APAV, quer em termos de atendimento directo ao público, com melhores condições físicas e um maior número de salas, quer em termos integrada de recursos, com a linha de apoio à vítima a ter agora instalações que possam permitir a continuação e o crescimento do Centro Regional desta linha de apoio”, referiu, acrescentado que “vai permitir que haja mais espaço para os voluntários e para o trabalho que se faz ao nível da prevenção e das acções de formação que se realizam.”

Segundo João Lázaro, “este é um primeiro passo. Existe, depois, um segundo passo que é angariar fundos suficientes para fazer uma intervenção, para adaptar as instalações, que são muito promissoras e generosas”.

A mudança de instalações vai permitir à APAV Açores uma poupança, relativamente ao não arrendamento das actuais instalações, “que mesmo sendo preços bastante módicos, oneram”.

O novo edifício permitirá uma redução de despesas anuais com rendas de cerca de 6 mil euros, sendo que o funcionamento da valência já é apoiado através de um Contrato de Cooperação Valor-Cliente, celebrado entre a APAV e o Instituto de Segurança Social dos Açores.

A previsão do Presidente da APAV é que a delegação regional comece a funcionar nas novas instalações até ao final do ano. “Terá, contudo, a ver com o tempo em que vai decorrer a construção do projecto de financiamento das obras e a própria intervenção.”

João Lázaro esclareceu que os números estatísticos da actividade da APAV, relativos ao ano de 2016, vão ser divulgados publicamente no final do corrente mês, “muito perto do relatório anual de Segurança Interna”.

Contudo, afirmou, “os números têm mostrado um aumento sustentado, não só na área de São Miguel, mas de toda a Região, que é servida pela linha de apoio à vítima.”

Tal aumento, ressaltou, “não significa necessariamente um aumento de criminalidade, mas sim que se começa a ver aos poucos o trabalho que é feito pelas entidades públicas e privadas de maior sensibilização para se quebrar o silêncio e se procurar ajuda.”

Na ausência de um sistema de referênciação



Andreia Cardoso (ao centro): “Acções de sensibilização conduzem ao aumento das sinalizações”

e da aposta de políticas públicas nacionais no desenvolvimento de serviços de apoio à vítima, o presidente da APAV considerou “natural” que as vítimas de violência procurem mais os serviços de apoio do que outras vítimas, “que encontram mais dificuldade em fazê-lo”.

O apoio da AVAP à vítima de violência doméstica chega a representar 80 por cento do total de apoios prestados pela associação.

Entretanto, a Secretária Regional da Solidariedade Social, Andreia Cardoso, deu conta de que através da cedência do imóvel, o Governo dos Açores “procurou garantir mais um ambiente diferenciado, com condições, seguro, que as pessoas possam habitar em função das suas necessidades, contando sempre com serviços de apoio de qualidade”.

“Espero que este espaço, mais do que uma casa para as pessoas afectadas por este flagelo e para quem a defende, seja uma lembrança constante de que o nosso trabalho tem de ser diário, persistente e inabalável na luta contra a violência em todas as suas formas”, afirmou.

Andreia Cardoso reforçou o compromisso da tutela com a implementação de uma política “concertada e estruturada de combate à violência doméstica e de género e destacou o facto de os últimos relatórios nacionais indicarem que a Região foi a que registou a maior redução do número de casos sinalizados.

O número de situações de violência sinalizadas nos últimos anos cresceu, o que na óptica da Secretária Regional, “é motivo de satisfação”, porque, entende, “as acções de sensibilização conduzem ao aumento das sinalizações, o que se verificou em anos anteriores, e depois há um processo natural de normalização no qual penso que estamos a entrar”.

Para Andreia Cardoso, interessa “termos uma população sensível para o problema, que conheça a quem pode recorrer e que esteja informada das acções que pode encetar em função da situação que vivencia ou que é vivenciada por pessoas familiares ou conhecidas. É essencial que ninguém fique sem resposta perante uma situação de violência”, frisou.

A governante lembrou a implementação,

“com bastante sucesso”, do Plano de Regional de Combate à Violência Doméstica e de Género, o qual tem objectivos muito específicos no domínio da prevenção.

Criou-se então uma segunda versão do Plano, para mitigar as fragilidades que o primeiro apresentava e para valorizar os aspectos merecedores de terem continuidade e aproveitamento.

Um dos aspectos essenciais deste, referiu Andreia Cardoso, é o alargamento das parcerias às autarquias locais, associações desportivas e culturais, no domínio do reforço das acções de prevenção à violência doméstica, com enfoque na violência no namoro.

GAV de Ponta Delgada apoiou 494 vítimas em 2015

No que diz respeito ao ano de 2015, o Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) de Ponta Delgada registou 613 processos de apoio com atendimentos. Num total de 494 vítimas diretas, assinalaram-se 910 crimes ou outras formas de violência, sendo que o trabalho realizado com os utentes da APAV resultou de um total de 2 mil 468 atendimentos.

Do conjunto de apoios prestados pelo GAV de Ponta Delgada, o apoio jurídico sobressai face aos restantes com 56,7% do total de apoios prestados, seguindo-se apoio genérico (apoio emocional, informação sobre outras entidades, etc) reflectido em 26,6% dos apoios.

Num primeiro contacto com o referido gabinete, foi o contacto telefónico que se destacou em mais de 50% das situações e, em geral, é o próprio utente que estabelece este contacto (50% dos casos). No entanto o contacto efectuado por familiares também se revelou significativo (19,6%).

Das 494 vítimas de crime que recorreram aos serviços no ano de 2015, 78% eram do sexo feminino e a maioria (33,4%) tinha idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos. Estas, foram vítimas de 501 autores de crime, dos quais 80% eram do sexo masculino. Em 37,1% dos casos os autores de crime eram casados.

Nuno Fontes Sousa



80% dos casos da APAV são de violência doméstica

Violência doméstica continua a dominar as preocupações da APAV, que pretende alargar o apoio a outras situações

ANA CARVALHO MELO
anamelo@acorianooriental.pt

A violência doméstica representa 80 por cento dos casos que chegam à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), mas a associação pretende alargar as áreas de apoio a outras situações.

“Em termos de relatórios estatísticos, a violência doméstica chega a representar 80 por cento dos casos”, revelou o presidente da APAV, João Lázaro, explicando que a associação pretende agora alargar à Região serviços de apoio mais especializado para crianças e jovens vítimas de violência sexual ou para mulheres e famílias que viveram situações de homicídio, num trabalho “conjunto e muito ligado à Polícia Judiciária, com quem aqui nos Açores temos uma relação extremamente frutífera”.

João Lázaro falava à comunicação social no final da assinatura do protocolo com a Secretaria Regional da Solidariedade Social de cedência de um imóvel à APAV, em Ponta Delgada, o qual vai permitir aumentar a capacidade de atendimento e uma maior confidencialidade.

Sobre as novas instalações que estarão a funcionar até final do ano, o responsável da APAV revelou que “vão ter os serviços todos integrados”, uma vez que a associação vai



Andreia Cardoso presidiu à cerimónia de cedência de um imóvel à APAV

passar a dispor de mais salas de atendimento e aumentar o espaço para os voluntários.

“Existia a necessidade das instalações terem melhores condições que salvaguardem o trabalho da APAV, quer em número de salas de atendimento a quem é vítima de crime, mas também no trabalho com as escolas na área da prevenção, da formação e na área do apoio telefónico através da linha de apoio à vítima”, revelou o presidente da APAV.

Na ocasião, a secretária regional da Solidariedade Social reafirmou o compromisso do Governo dos Açores com “a implementação de uma política concertada e estruturada de combate à violência doméstica e de género”, destacando que os últimos relatórios nacionais indicam que a Região Autónoma

dos Açores foi a que registou a maior redução do número de casos sinalizados.

Andreia Cardoso, recordando que “os vários agentes sociais nem sempre concordaram sobre quais deveriam ser as respostas dadas às vítimas”, destacou ainda os progressos alcançados nesta matéria ao nível da Região, salientando que “hoje trabalhamos coletivamente, com objetivos comuns e somos, efetivamente, aliados no combate a este flagelo”.

Andreia Cardoso lembrou ontem também que a formalização da cedência deste imóvel à APAV se realizou no dia em que se celebrou o Dia Internacional da Mulher. “Espero que este espaço, mais do que uma casa para as pessoas afetadas por este flagelo e para as

peçoas que as defendem, seja uma lembrança constante de que o nosso trabalho tem de ser diário, persistente e inabalável na luta contra a violência em todas as suas formas,” afirmou.

O novo edifício da APAV vai permitir uma redução de despesas anuais com rendas de cerca de seis mil euros, sendo que o funcionamento desta valência já é apoiado através de um Contrato de Cooperação Valor-Cliente, celebrado entre a APAV e o Instituto de Segurança Social dos Açores.

A cedência destas instalações, situadas na Praça Dr. José Almeida Pavão Júnior, em Ponta Delgada, foi aprovada na reunião do Conselho de Governo realizada a 13 de fevereiro. ♦



ATLETISMO

Corrida Manteigas-Penhas Douradas no domingo

A 35ª edição dos "12 Kms Manteigas-Penhas Douradas" realiza-se no domingo e contará, pelo terceiro ano consecutivo, com a parceria da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Aquela que é considerada a mais antiga corrida de montanha em Portugal tem três

modalidades de participação (corrida, caminhada e BTT), com início junto ao edifício da Câmara de Manteigas e meta nas Penhas Douradas, a 1.500 metros de altitude. A corrida faz parte do Troféu Spiridon, bem como do Circuito Nacional de Montanha, e conta aproximadamente com cerca de 800 partici-

pantes, oriundos de vários pontos do país e do estrangeiro. Já a prova de BTT vai dividir-se entre competição e cicloturismo, enquanto a caminhada será um passeio pedestre aberto a todas as idades, sem fins competitivos. A APAV receberá 1 euro por cada participante inscrito (atletas, caminhadores e BTT).



App antiviolença doméstica

NOVIDADE A APPoio Contra a Violência Doméstica (AppVD), disponível desde ontem, quer tornar mais simples a denúncia e “concentrar toda a informação relativa aos serviços de apoio às vítimas de violência doméstica e de género”. Em Portugal, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) recebe por dia 49 queixas. Após descarregar a aplicação é apenas necessário selecionar o distrito e o serviço que se procura. Depois, é só telefonar ou enviar *e-mail*.



SOCIEDADE

APAV vai ter novas instalações em Ponta Delgada

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) vai ter até final do ano novas instalações, em Ponta Delgada, permitindo aumentar a capacidade de atendimento e uma maior confidencialidade neste, foi ontem anunciado.

Após a assinatura do protocolo com a Secretaria Regional da Solidariedade Social, que cede um imóvel à APAV, na data em que se assinala o Dia Internacional da Mulher, o presidente da associação, João Lázaro, adiantou que as novas instalações "vão ter os serviços todos integrados", dispor de mais salas de atendimento, ao invés de uma só como no atual edifício arrendado, e aumentar o espaço para os voluntários.

"Existia a necessidade das instalações terem melhores condições que salvaguardem o trabalho da APAV, quer em número de salas de atendimento a quem é vítima de crime, mas também no trabalho com as escolas na área da prevenção, da formação e na área do apoio telefónico através da linha de apoio à vítima", referiu o presidente da APAV, estimando que a associação se mude para o novo imóvel até ao final do ano.

A secretária regional da Solidariedade Social, Andreia Cardoso, salientou que a APAV tem assumido "um papel muito importante" no domínio do apoio às vítimas de violência, ao longo dos dez anos de existência da estrutura nos Açores, com sede em Ponta Delgada.

Andreia Cardoso referiu ainda que o primeiro Plano Regional de Combate a Violência Doméstica e de Género foi implementado pelo Governo dos Açores "com sucesso", acrescentando que o segundo, que está no terreno, tem como "aspectos essenciais o alargamento das parcerias, designadamente com as autarquias locais, associações desportivas e culturais no domínio da prevenção".

"O plano que está em execução desde há dois anos tem como propósito a proximidade com a sociedade civil e um reforço das ações de prevenção à violência doméstica, designadamente a violência no namoro, área que temos dado um enfoco bastante particular", destacou a governante.

Segundo dados do gabinete de apoio à vítima de Ponta Delgada da APAV, relativos a 2015, foram registados 613 processos de apoio.

"Num total de 494 vítimas diretas, assinalaram-se 910 crimes e/ou outras formas de violência. O trabalho realizado com os utentes da APAV resultou de um total de 2.468 atendimentos", adiantam as estatísticas a que a agência Lusa teve acesso.

Das 494 vítimas de crime que recorreram aos serviços da APAV em Ponta Delgada, 78% eram mulheres, na sua maioria casadas, entre os 25 e os 54 anos (33,4%).

Nesse ano, os crimes contra as pessoas representam 94,3% do total de registos na associação, nomeadamente a violência doméstica (79,2%), realçando alguns crimes em particular fora desta categoria, o do crime de dano e o crime de 'stalking'/assédio persistente. ■



Alunos de Ansião sensibilizados sobre a violência no namoro

Há cada vez mais queixas de violência no namoro. Os últimos dados oficiais da PSP, recolhidos no âmbito do Programa Escola Segura, que abrange cerca de 1,1 milhões de alunos, mostram a dimensão do fenómeno: 1.787 casos denunciados às autoridades policiais em 2016, dos quais 1.020 entre ex-namorados e 767 entre namorados. Desses 1.787 casos registados, 103 ocorreram entre menores de 17 anos.

Humilhações verbais à frente de amigos, ciúmes desmedidos e agressões físicas são algumas das formas de violência no namoro entre jovens estudantes.

Foi com o objetivo de sensibilizar, alertar e esclarecer os alunos para o que é a violência no namoro, os diferentes tipos de maus tratos que existem e respetivas consequências, que o Gabinete de Apoio às Vítimas de Violência Doméstica de Ansião decidiu levar a cabo, na semana de 13 a 17 de fevereiro, um conjunto de ações de sensibilização sobre esta problemática, junto das turmas do 9º ano do Agrupamento de Escolas de Ansião.

A iniciativa surgiu a convite da Biblioteca Escolar, em parceria com o Projeto de Promoção para a Saúde e Educação Sexual (PESES) do referido Agrupamento, e envolveu cerca de 80 alunos.

No decorrer das várias ações de sensibilização, foi ainda disponibilizada informação acerca dos procedimentos que os jovens poderão adotar caso sejam, ou venham a ser, vítimas de violência no namoro e quais as entidades que poderão contactar. Sendo de destacar entre elas, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que, para assinalar o Dia dos Namorados (14 de fevereiro), também lançou nas redes sociais a campanha 'Só para quando fizeres STOP', pretendendo lembrar às vítimas que a situação só mudará quando as próprias decidirem agir.



DN+ HOMICÍDIOS CONJUGAIS

O homicida

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS



51,2% casados

SITUAÇÃO PROFISSIONAL



PROFISSÕES

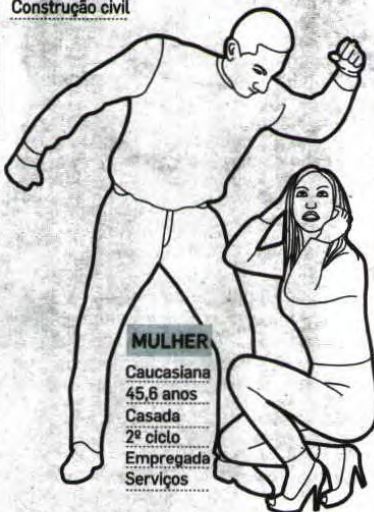
1. Construção civil
2. Área dos serviços
3. Motoristas
4. Profissões qualificadas

Perfis

HOMEM

Caucasiano
51 anos
Casado
1º ciclo
Empregado
Construção civil

FATORES DE RISCO:
Acesso a armas de fogo
Histórico de abuso de substâncias



MULHER

Caucasiana
45,6 anos
Casada
2º ciclo
Empregada
Serviços

A vítima

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS



46,5% casadas

SITUAÇÃO PROFISSIONAL



PROFISSÕES

1. Serviços
2. Empregada de limpeza
3. Doméstica
4. Profissões qualificadas

Um terço das mulheres mortas tinha apresentado queixa

Estudo. Polícia analisou os 43 homicídios conjugais ocorridos de 2010 a 2015 em Lisboa. Maioria das mortes foi 2 meses após separação

RUTE COELHO

Três das 43 mulheres assassinadas pelos maridos nos últimos cinco anos, na Grande Lisboa, já tinham apresentado queixa às autoridades por violência doméstica. Mais de metade dessas vítimas estava em processo de separação (51,2%), por iniciativa delas, e a grande maioria das mortes (68,4%) aconteceu no prazo de dois meses após a separação.

Estas são algumas das conclusões do estudo "Homicídio, femicídio e *stalking* no contexto das relações de intimidade", que está a ser desenvolvido pela Polícia Judiciária, em parceria com investigadores da Universidade do Minho e do Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, e Ministério Público (Departamento de Investigação e Ação Penal de Lisboa - 7.ª secção).

Para já, a equipa científica analisou 43 processos-crime de homicídios conjugais dos 45 ocorridos na Grande Lisboa de 2010 a 2015. Ficaram apenas de fora dois processos por ainda se encontrarem na fase de recurso, como adiantou ao DN Cristina Soeiro, psicóloga da Polícia Judiciária, uma das investigadoras.

A recolha vai continuar para ser possível realizar, dentro de um ano, um retrato nacional deste fenómeno. Afinal, Portugal apresenta - entre 2010 e 2015 - uma média de 42 mulheres assassinadas por ano (a contabilidade do último ano ainda não foi oficialmente divulgada).

"Foi revelador perceber que dos 43 casos da Grande Lisboa, 65% já eram vítimas de violência doméstica prévia e, dessas mulheres, quase metade já tinha denunciado a situação às autoridades", comenta Cristina Soeiro. "A quantidade das vítimas que se queixou de violência é muito superior ao que achávamos ser possível. É representativo. Mas estamos a falar da Grande Lisboa, vamos ver como será no Norte do país, para onde vamos avançar na próxima fase do estudo."

Dos fatores de risco avaliados pelo estudo, constata-se que a maior parte dos homicídios (46,5%) tinha acesso a armas de fogo (46,5%), precisamente o tipo de arma mais usado nestes crimes (em 41,9%), logo seguido da arma branca (37,2%). Mais: em 82,1% dos homicídios já havia violência psicológica, a maior parte dela através de ameaças de morte à vítima (64,3%).

Dos 43 processos-crime analisados, 27 tiveram condenações e 16 foram arquivados por suicídio do homicida depois de ter assassinado a mulher.

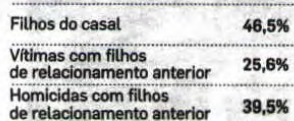
Medidas de coação falham
O que está a falhar no sistema para não se conseguirem impedir estas mortes, mesmo quando as vítimas até já tinham apresentado queixa por violência doméstica? "Falham as medidas de proteção das vítimas e as medidas de coação aos agressores aplicadas pela justiça", responde Íris Almeida, uma das investigadoras do estudo, psicóloga na equipa do Instituto Superior de Ciências da Saúde do Egas Moniz, que faz a avaliação de risco dos casos para os tri-

Relação entre o homicida e a vítima

TIPO DE RELAÇÃO

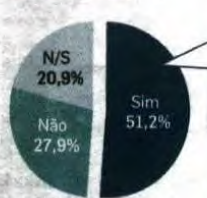


FILHOS

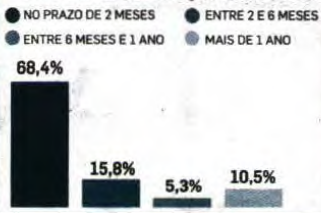


Duração média da relação
14,4 anos

EM PROCESSO DE SEPARAÇÃO



TEMPO ENTRE SEPARAÇÃO E HOMICÍDIO



MOTIVAÇÃO SUBJACENTE AO HOMICÍDIO



LOCAL DO CRIME



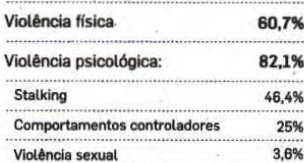
ARMA DO CRIME



VIOLÊNCIA CONJUGAL PRÉVIA



FORMAS DE VIOLÊNCIA



Estudo feito numa parceria entre a Escola de Polícia Judiciária, Departamento de Investigação e Ação Penal de Lisboa, 7.ª secção, Escola de Psicologia da Universidade do Minho e Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz. Autoras do estudo: Cristina Soeiro, João Mata, Andréia Matias, Martene Matos e Íris Almeida. Metodologia: Consulta de 43 processos de femicídio, cometidos entre 2010 e 2015, na zona da Grande Lisboa; seleção e análise dos processos com histórico de violência prévia. Locais: Tribunais de Lisboa, Almada, Sintra e Loures.



Caso Palito, onde tudo falhou › Manuel Baltazar, conhecido por *Palito*, que tinha uma pulseira eletrónica num processo por violência doméstica contra a ex-mulher, arrancou-a, no dia 17 de abril de 2014, e foi a casa da ex-mulher, em Valongo dos Azeites, para a matar. Acabou por matar a tiro a ex-sogra, a tia da vítima, e feriu a ex-mulher e a filha de ambos. Só depois dos crimes, o tribunal avaliou a revogação de uma pena suspensa que tinha por crimes de agressão e ameaça. Esteve fugido 34 dias. Foi apanhado, julgado em Viseu e condenado à pena máxima de 25 anos de prisão.

buais. "Já me aconteceu acompanhar um caso em que o juiz de instrução aplicou a proibição de contactos ao agressor, quando este e a vítima, que estavam já separados, até viviam no mesmo bairro", exemplifica a psicóloga.

Iris Almeida recorda-se também de agressores que acompanhou que "tinham várias queixas de violência doméstica contra eles mas a única medida que a justiça lhes aplicou foi o afastamento da vítima". Se o afastamento não for controlado através de pulseira eletrónica ou vigilância das autoridades não é eficaz.

Por outro lado, se 51,2% das mortes aconteceram em casais que estavam em processo de separação, seria de supor que essa fase (do divórcio) fosse considerada de risco para a mulher. Mas não é isso que acontece. "Muitas vezes os tribunais consideram que se o casal está em separação já não há risco. Pelo contrário, há risco porque o homem agressor não concebe a sua vida sem a mulher", analisa Iris Almeida.

Na avaliação de risco que a psicóloga faz para os tribunais tem

constatado outro pormenor: "Os agressores sabem que dificilmente são presos pelo crime de violência doméstica. Sabem que é difícil aplicar a prisão preventiva nestes casos e também que, em julgamento, são raras as condenações a pena efetiva de prisão por violência doméstica."

Prisão para agressores é rara
A título de exemplo, a Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa divulgou, em agosto de 2015, que em

1059 casos de violência doméstica analisados num período de nove meses, mais de um terço (36,6%) dos processos terminaram com uma absolvição (388 casos) e, das 665 condenações, apenas 84 foram a prisão efetiva, ou seja, 8% do total. As outras condenações foram a pena suspensa (146 casos) e a pena suspensa com imposição de regras de conduta (382 casos).

A psicóloga Cristina Soeiro, da Polícia Judiciária, adiantou ainda que o estudo não reflete os efeitos de novos instrumentos que foram introduzidos no sistema como a avaliação de risco feita pelas polícias. "Mas os polícias têm de ser treinados para usar a avaliação de risco. E temos de melhorar a intervenção nos agressores: têm de ser retirados de cena."

Daniel Cotrim, assessor técnico da direção da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), também é da opinião que "o sistema de proteção às vítimas de violência doméstica não está a funcionar e as medidas de coação são aplicadas tardiamente".

VÍTIMAS NO PAÍS

ANO	VÍTIMAS
2010	43
2011	27
2012	40
2013	27
2014	43
2015	29
Média	42 p/ano

* DADOS DO OBSERVATÓRIO DE MULHERES ASSASSINADAS DA UPMAR (UNIÃO DE MULHERES ALTERNATIVA E RESPOSTA)

Elza Pais: "Temos de perceber porque falha a proteção"

A deputada socialista Elza Pais escreveu um livro intitulado *Homicídio Conjugal em Portugal*, que resultou de uma longa investigação sua sobre a matéria. Foi uma das autoras do projeto de lei do PS que limita os direitos paternais a agressores domésticos sujeitos a medidas de afastamento de casa ou proibição de contactos com a vítima. Concluiu que o sistema falha na proteção a estas mulheres e que é preciso perceber as causas



Elza Pais, deputada do Partido Socialista

O que é que está a falhar para Portugal continuar a ter uma média de 42 homicídios conjugais por ano?

Há 15 anos que coloco essa questão. Temos vindo a combater o problema dos homicídios conjugais. Estou convencida de que se não tivéssemos as leis que temos nem a ação das forças de segurança que teríamos ainda mais homicídios destes. Temos conseguido travar o aumento mas não temos conseguido que diminua. Sobretudo, temos de perceber por que falha o processo de proteção às vítimas logo depois de estas comunicarem às forças de segurança a violência doméstica. Está neste momento a trabalhar uma equipa que foi recentemente criada para fazer uma análise retrospectiva dos homicídios. Está a funcionar no quadro do Ministério da Administração Interna com a secretaria de Estado da Igualdade. Vão tentar perceber o que falha.

Na sua perspetiva o que pode correr mal logo a seguir à apresentação de queixa da vítima?
Ainda não temos uma resposta para isso mas apenas preocupações. Será que falhou na aplicação da pulseira eletrónica, por-

que não se encontraram meios para proteger a vítima, porque a vítima depois da queixa desvalorizou as agressões? Enfim, não sabemos. E é por isso que é preciso analisar os fatores, que podem ser vários. O que eu percebi é que havia uma falha legislativa.

E qual era essa falha legislativa?
A que levou a que apresentássemos um projeto de lei para a regulação urgente das responsabilidades parentais em processos de violência doméstica. As vítimas passam a sentir maior segurança porque sabem que as regras do jogo são mais claras. Queremos que o direito de visita e de guarda não prejudique a proteção nem da vítima nem das crianças. Para mim isto é absolutamente vital. Espero que esta medida legislativa resulte.

O objetivo será também melhorar a articulação entre os processos penais e os cíveis?
Sim, porque essa articulação existe mas precisa de ser melhorada.

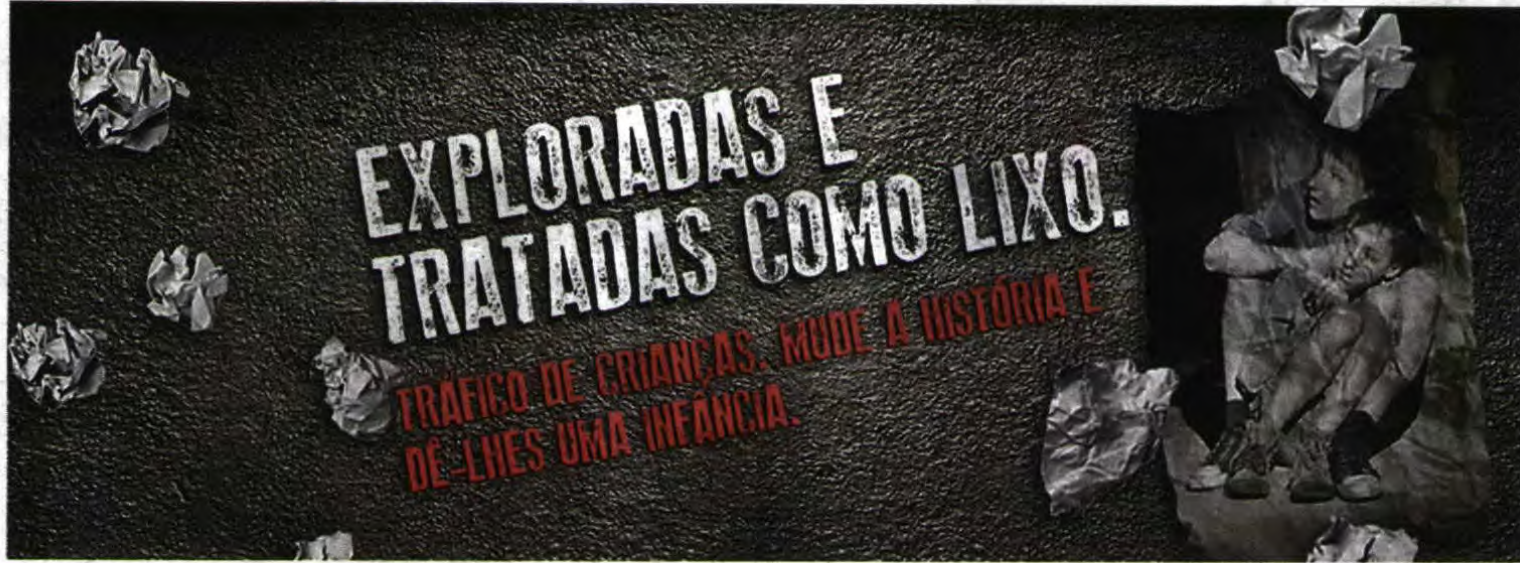
E para evitar casos em que a responsabilidade parental dos filhos venha a ser atribuída a um agressor...

Sem dúvida. Mas além desta falha legislativa que percebi que existia pode haver outras. Fomos nós que propusemos a vigilância eletrónica aos agressores, eu era presidente para a Comissão da Cidadania e Igualdade de Género. Hoje sabemos que esta medida tem resultados. Fomos o segundo país, depois de Espanha, a adotá-la.

A violência no namoro mostra homicídios nos mais jovens. O que fazer para travar esta situação?

Aqui tem de se apostar na educação para a cidadania, que vai voltar aos currículos escolares.

"Percebi que havia uma falha legislativa. Queremos que o direito de visita e de guarda das crianças não prejudique a proteção da vítima"



Campanha > A 13 de outubro de 2016, o governo lançou uma campanha contra o tráfico de crianças. O mote era "Exploradas e tratadas como lixo" e alertava para o facto de se ter de mudar a história. Na altura, a secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade, Teresa Marcelino, referiu ser um tema "sensível" e "atual", devido aos movimentos migratórios que estão a atingir a Europa. Portugal já tem três centros para acolher vítimas adultas, mas nenhum para crianças. Conselho da Europa recomenda que se mude esta realidade.

Tráfico de crianças: Portugal continua a ser país de destino

Relatório. Conselho da Europa apela a melhorias na identificação e proteção dos menores vítimas de tráfico de seres humanos em Portugal

JOANA CAPUCHO

M., cidadã romena, de 34 anos, veio para Portugal com uma proposta de trabalho aliciante na restauração. Pensou que era uma oportunidade de dar melhores condições de vida aos filhos, mas foi recebida por um casal da mesma nacionalidade, que a obrigou a entregar toda a documentação e a prostituir-se na rua. Não recebia qualquer remuneração, vivia em condições desumanas, era vítima de agressões. O caso acabou denunciado e M. recebeu apoio no Centro de Acolhimento e Proteção (CAP) do Sul, da responsabilidade da Associação de Apoio à Vítima.

M. foi uma das 226 vítimas de tráfico de seres humanos identificadas entre 2012 e junho de 2016 em Portugal, país que é sobretudo de destino, mas também de saída e

trânsito para este fenómeno, como refere o relatório publicado hoje pelo grupo de peritos em ações contra o tráfico de seres humanos (GRETA). Entre as recomendações que o grupo do Conselho da Europa faz a Portugal está um maior enfoque nas crianças: Portugal deve melhorar a identificação e proteção dos menores vítimas de tráfico humano, nomeadamente através de alojamento adequado, acesso à educação e formação profissional.

Embora existam três abrigos para adultos em Portugal – algo que é destacado como positivo no documento –, o país não dispõe de nenhum específico para crianças, sendo estas encaminhadas para instituições de apoio a crianças e jovens em risco. "Portugal tem trabalhado para melhorar os procedimentos e apoio às crianças, mas tem de existir uma melhoria na identificação e assistência", destaca

Rita Bessa, diretora técnica do CAP Sul da APAV, centro que tem capacidade para oito mulheres.

No que diz respeito ao alojamento dos menores, Matilde Sirgado, coordenadora do projeto RUA do Instituto de Apoio à Criança (IAC) – membro da Rede de Apoio e Proteção às Vítimas de Tráfico –, revela que "está prevista a criação de uma casa-abrigo específica para estas crianças". "Temos algumas coisas a fazer, mas que estão previstas no Plano Nacional. Portugal está atento, tem estado a fazer um bom trabalho", refere.

A ausência ou a utilização de documentos falsos e uma mobilidade constante são alguns dos problemas que surgem na identificação das vítimas menores. No período referido no documento foram identificadas 36 em Portugal. Segundo os dados do Observatório de Tráfico de Seres Humanos

DETALHES

Portugal é essencialmente um país de destino para as pessoas traficadas, mas, em certa medida, é também um país de origem e trânsito.

VÍTIMAS

> De 2012 a junho de 2016 foram identificadas 226 vítimas de tráfico de seres humanos em Portugal

2012 – 13

2013 – 144

2014 – 34

2015 – 32

Primeiro semestre de 2016 – 4

SUSPEITAS

> Durante estes anos, ao todo foram sinalizadas 404 presumíveis vítimas de tráfico.

PERFIL DAS VÍTIMAS

> A maioria são homens (140). Há 36 crianças entre as vítimas. À exceção de 17 vítimas, todas as restantes são estrangeiras, sendo a Roménia e a Nigéria os principais países de origem.

CAUSAS

A maior parte das vítimas é traficada para exploração laboral (162) e exploração sexual (52).

O QUE FOI IDENTIFICADO

> O tráfico para exploração sexual ocorreu sobretudo no setor agrícola e envolveu maioritariamente homens romenos, mas também há casos na área da construção, futebol profissional, serviços domésticos e parques de diversões.

(OTSH), só em 2015 foram sinalizados 18 menores como presumíveis vítimas, dos quais seis foram confirmados. Todos do sexo feminino e a maioria de nacionalidade angolana. Em três casos, Portugal era país de destino e nos restantes era país de trânsito para França.

O IAC é uma das entidades que sinalizam menores em situação de vulnerabilidade. "Podemos melhorar a sinalização e identificação das vítimas em Portugal, porque é uma problemática muitas vezes escondida", sublinha Matilde Sirgado, sugerindo, por exemplo, a formação de técnicos para que possam identificar situações de risco. Crianças em contexto de rua, porque fugiram de instituições ou de casa, "são potenciais vítimas de tráfico" humano, muitas vezes para serem integradas em "grupos organizados" de "tráfico, furtos ou prostituição".

Uma das preocupações do GRETA é o desaparecimento de crianças estrangeiras não acompanhadas, o que requer alojamento adequado e formação específica. Uma inquietação referida pela coordenadora do RUA, que diz que Portugal precisa de se preparar, porque o problema poderá vir a ter expressão no país.

No documento, o GRETA manifesta-se igualmente preocupado com "o baixo número de vítimas de tráfico que recebem indemnizações", pelo que pede às autoridades portuguesas que garantam que as vítimas exercem o direito às mesmas. Destacando medidas positivas como o reforço do quadro jurídico e a criação da rede de apoio às vítimas, apela a que as autoridades continuem a perseguir os casos de tráfico de seres humanos.

Na Cidade

nacidade@timeout.com

Já tem o seu dorsal? É melhor correr

Diga rápido uma palavra com apenas duas vogais. Running, ora aí está. Com a promessa de sol, é tempo de dar corda aos pés. *Maria Ramos Silva* partilha a agenda até Abril em texto corrido.

A MEIA MARATONA já lá vai mas ainda há muita estrada para andar (neste caso, para correr, vá, que estas páginas não são para molengões). Mostramos-lhes o que falta palmilhar na cidade até ao final de Março e durante o mês de Abril, para que possa preparar a agenda sem grandes estafas. Se lhe sobrarem forças para mais uns quilómetros fora de Lisboa, consulte a coluna do lado. Seja bem-vindo ao enérgico mundo dos dorsais, e da eterna dúvida: "Escrevemos ténis ou sapatilhas?"

CORRIDA DE SOLIDARIEDADE ISCPSP/APAV É a 14ª edição desta iniciativa solidária, organizada pelos alunos do ISCPSP – Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna – em parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, para quem reverte a receita desta corrida. O assunto é sério mas o espírito a manter durante o evento é de descontração.

→ 26 Mar, 10.00, Alcântara/Belém. 10€.

PERFEITO PARA

Mentir sem culpas:
"Hoje não dá, o dia vai ser uma correria"

PREÇO

Variado

ONDE

Diferentes pistas

CORRIDA DO ANIMAL

Momento oportuno para desenferrujar as patinhas do seu cachorro. E as suas, claro. O melhor de tudo é o contributo para a recolha de fundos a favor das associações animais parceiras do evento. Um momento que começa e acaba no coração de Lisboa, seja na vertente 2,5 km ou 4 km. É que também pode optar pela modalidade caminhada, ou câominhada.

→ 26 Março, 10.15, Avenida da Liberdade, 15-35€.





João Lázaro, Presidente da Associação de Apoio á Vítima

“Agressões de filhos a Pais e a Idosos preocupam-nos”

João Trindade

O Dr. João Lázaro, Presidente da (APAV) - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima está preocupado com o crescente aumento dos mais variados casos de agressões, uma área onde esta Instituição tem tido um trabalho cuidadoso e atento para que os problemas sejam denunciados e combatidos. João Lázaro é também “Presidente do Victim Support Europe Organização de Apoio à Vítima na Europa que envolve 26 Países” Em declarações ao Diário do Sul



Dr. João Lázaro, presidente da Associação Apoio à Vítima

João Lázaro adiantou. “Entre as nossas preocupações nas vítimas de violência estão as agressões de filhos aos Pais e a Idosos que têm aumentado de ano para ano”. Neste contexto, a (APAV) na prioridade das suas preocupações está o “apoio as pessoas que foram vítimas de crime e de violência, os seus familiares e amigos onde se incluem maus tratos, ameaças, homicídio, crimes sexuais, e outras práticas ilegais”. Questionado sobre o facto de por norma serem as mulheres que aparecem como as grandes vítimas de diversos tipos de violência, inclusive a morte, João Lázaro observa. “De facto,

essa é uma realidade mais evidente em termos mediáticos, no entanto, nós também recebemos queixas dos homens e logicamente apoiamos todas as pessoas”. Revela ainda que “no País prestamos serviços gratuitos e confidenciais e trabalhamos para conseguir que o estatuto da vítima de crimes possa ser reconhecido, respeitado e valorizado. A concluir sublinha-se o facto do Relatório da (APAV) em 2015 revelar que o seu trabalho “envolveu 12. 837 processos nos quais foram apoiadas 9. 612 vítimas, num total de 23. 326 casos”



12 kms Manteigas Paulo Gomes e Rosa Madureira foram os vencedores

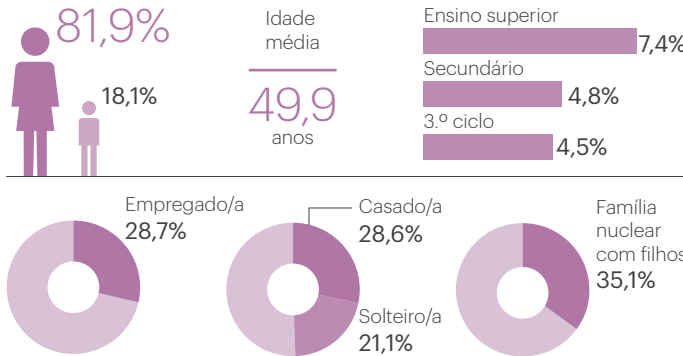
O atleta Paulo Gomes, do Grupo Desportivo e Cultural de Guilhovai, e Rosa Madureira, do FC Penafiel, foram os vencedores da 35.ª edição da Corrida de Montanha 12 kms Manteigas - Penhas Douradas, Corrida Solidária com a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima)", realizada no dia 12 de Março, pelo CCD da Câmara Municipal de Manteigas, com o apoio da Câmara Municipal de Manteigas, da Federação Portuguesa de Montanhismo e Escalada e Terras de Aventura. A prova esteve integrada no calendário do Circuito Nacional de Montanha 2017. A Classificação Geral foi a seguinte: 1.º Paulo Jorge Caetano Gomes (Grupo Desportivo e Cultural de Guilhovai); 2.º Leonel Fernandes (Clube de Atletismo de Ovar), 3.º José Carvalho (Clube Académico de Mogadouro). Classificação - Atletas Feminino: 1.º Rosa Madureira (FC Penafiel), 2.º Emilia Kumós Piseiro (Clube de Atletismo Prof. Emília Piseiro), 3.º Lucinda Moreiras (FC Penafiel). Classificação - Atletas Elites M: 1.º Leonel Fernandes (Clube de Atletismo de Ovar); 2.º Rui Muga (Clube Académico de Mogadouro); 3.º Carlos Lopes (Clube Académico de Mogadouro). Classificação - Atletas M40: 1.º Paulo Jorge Caetano Gomes (Grupo Desportivo e Cultural de Guilhovai), 2.º José Carvalho (Clube Académico de Mogadouro), 3.º Artur Oliveira Rodrigues (Grupo Desportivo e Cultural de Guilhovai). Classificação - Atletas M45: 1.º Uwe Borsdorf (FC Penafiel), 2.º Manuel de Jesus Ribeiro Urbano (Grupo Desportivo e Cultural de Guilhovai), 3.º Paulo Jorge Silva Gonçalves (Clube de Montanhismo da Guarda). Classificação - Atletas M50: 1.º Orlando Valente (FC Penafiel); Atletas M55: 1.º António Rocha (Individual); Atletas M60: 1.º Joaquim Ribeiro (Individual). A Classificação por Equipas foi a seguinte: 1.º Clube Académico de Mogadouro, 2.º Grupo Desportivo e Cultural de Guilhovai, 3.º FC Penafiel.



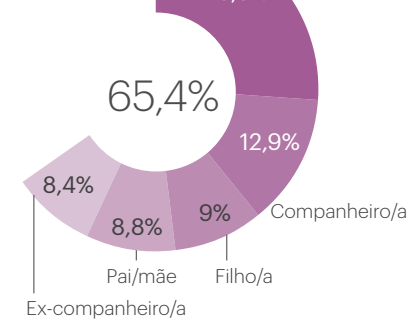
Atendimentos feitos pela APAV



Perfil geral da vítima em 2016



Relação com o autor do crime



Fonte: APAV

PÚBLICO

Todos os dias, 14 mulheres agredidas pedem apoio

Crime Natália Faria

Dados dizem respeito a mulheres entre os 18 e os 65 anos, atendidas em 2016 pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

As agressões a homens e a idosos estão a ganhar mais expressão nas estatísticas, mas o retrato-tipo da vítima de crime ainda se escreve no feminino: 82% são mulheres, com uma média de idades de 50 anos. Em 2016, conta o relatório anual da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), foram agredidas por dia, em média, 14 mulheres entre os 18 e os 65 anos. Corresponde a 5226 num ano. Os números reflectem apenas os atendimentos feitos pela APAV em todo o país.

No geral, traduzem um ligeiríssimo decréscimo relativamente a 2015, ano em que 5291 mulheres deste grupo etário foram atendidas como vítimas de violência (101 por semana). A maior parte dos crimes de que são alvo é cometida em contexto de violência doméstica.

“As situações que chegam à APAV são cada vez mais complexas e requerem um maior número de atendimentos. Com a crise que nos últimos

anos assolou o país, as instituições de apoio, como as casas abrigo para vítimas de violência doméstica, são mais demoradas nas respostas e, por outro lado, as vítimas – normalmente uma mulher que tem um ou dois filhos – têm mais dificuldades em autonomizar-se do agressor e em sustentar-se sozinhas numa casa”, compara Elsa Beja, assessora técnica da direcção da APAV.

Torna-se assim mais fácil perceber o aumento de 8,1% no número de atendimentos registados pela APAV em 2016: 35.411 contra os 32.770 de 2014. Daqueles, foram identificadas 9347 vítimas directas de crimes (9612 em 2015), das quais 81,9% são do sexo feminino, maioritariamente agredidas na residência que partilham com o agressor.

143 casos de violação

O homicídio que no sábado se registou em Esmoriz, embora não fazendo parte destas estatísticas, enquadra-se neste retrato-tipo: uma mulher, de 51 anos, foi morta pelo marido que a feriu com uma faca nas costas e no abdómen. Só nos primeiros meses deste ano foram assassinadas pelo menos quatro mulheres, segundo as contas da UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta.

Além das 5226 mulheres vítimas de violência em 2016, aquela organização registou três agressões por

dia a idosos (+ de 65 anos), num total de 1009 vítimas. No ano anterior, a APAV registara 977 pessoas idosas entre as vítimas, o que aponta para um ligeiro aumento. Quanto às crianças e jovens até aos 17 anos, há registo de uma média de duas agressões por dia, num total anual de 826 casos, contra os 1084 do ano anterior

Entre os crimes registados pela APAV – mais de 21 mil, 77% dos quais crimes de maus tratos físicos e psíquicos em contexto de violência doméstica –, contam-se 21 homicídios consumados e 28 na forma tentada.

Há também mais homens que pedem apoio à APAV como vítimas de violência em casa. “Não significa que este crime tenha aumentado, mas que a procura de ajuda sim, o que nos leva a poder afirmar que, entre os homens, se vai perdendo o estigma associado a estas situações”, diz Elsa Beja.

Além de 143 casos de violação (86 em 2015), a organização registou ainda, entre os atendimentos que fez, 142 casos de abuso sexual de menores, 73 casos de coacção sexual, 412 casos de assédio persistente (*stalking*), sendo que em 90% dos casos as vítimas foram mulheres, com uma média de idades a rondar os 40 anos.

natalia.faria@publico.pt

Há todos os dias 14 mulheres vítimas

Os dados são da APAV e integram um relatório onde se apela a que se olhe pelos direitos das vítimas.

REDAÇÃO
redacao@destak.pt

Tornar efetivos os direitos de quem sofre um crime é o que pede a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que ontem apresentou o seu Relatório Anual 2016 e que reforça a necessidade de garantir os direitos das vítimas «de forma efetiva na prática diária das instituições com que tem de lidar». Direitos como «o de informação», «proteção e segurança, indemnização», entre vários outros, alguns dos quais «cumpridos de forma não sistemática e errática, e outros nem isso».

E são muitas as vítimas, a julgar pelos dados da APAV. No ano passado,



Em 2016, contaram-se duas crianças e jovens vitimizadas todos os dias

os 23 serviços da associação contabilizaram 1.009 pessoas idosas (com mais de 65 anos) vítimas de crime (em média três por dia e 19 por semana), 826 crianças e jovens (em média dois por dia e 16 por semana), 5.226 mulheres adultas (em média 14 por dia e 100 por semana) e 826 homens adultos (em média dois por dia e 16 por semana).

No que diz respeito ao tipo de crimes, o relatório confirma que aquele contra pessoas é o predominante, correspondendo a 93,3% de todas as situações reportadas à associação. Logo em seguida surgem os crimes contra o património (2,7%) e outras formas de violência (2,5%).

O tipo de vitimação mais frequente é a continuada (75,8%), existindo queixa em menos de metade das situações (41,5%). E a mulher continua a ser a maior vítima (81,9%).



CORRIDA DO DOURO • 11

Preparado para correr na marginal de Gaia?

As inscrições para a 3ª edição da corrida com melhor vista para o rio Douro já começaram e há duas opções: 5 e 10 km.



© MIGUEL MARQUES

FAMA&TV • 12

Atriz e argumentista oficializam amor

Paixão entre Wiley e Morelli nasceu nos bastidores de 'Orange is The New Black', quando Morelli nem sonhava ser lésbica.



© REPRODUÇÃO MARTHA STEWART WEDDINGS

Diretor: Diogo Torgal Ferreira | Edição nº 2888. Jornal diário gratuito.



28.03.2017 Terça-feira PORTUGAL



ATUALIDADE • 06

Proteção solar à prova da passagem do tempo

Uma análise feita pela revista 'Teste Saúde' deixa claro que podemos usar o protetor solar do ano anterior, uma vez que a eficácia não desaparece. Há, sim, que ter alguns cuidados com onde e como se guarda.

ENTREVISTA • 02



© PAULO SEGADAE

Novo álbum de Diogo Piçarra chega às lojas dia 31 e traz novidades. O cantor revela ao **Destak** os segredos de 'Do=s'

CIDADES • 04

Mudanças no metro vão prejudicar utentes

A circulação na linha azul mudou ontem, mas os sindicatos dos trabalhadores garantem que a medida é desnecessária e antecipam novos atrasos e supressões, sobretudo para os utentes da Amadora.

ATUALIDADE • 07

Não há dietas infalíveis, mas sim à sua medida

Para descobrir a dieta certa, o ideal é mesmo experimentá-la, defende a nutricionista Maria João Nogueira.

ATUALIDADE • 08

Mulheres continuam a ser as principais vítimas

Todos os dias há 14 mulheres que pedem ajuda à APAV. Elas mantêm-se como o alvo mais frequente (81,9%) de violência.

DESPORTO • 10

Ronaldo deve ter mais titulares ao seu lado

Não é expectável que Fernando Santos promova uma revolução no 11 de Portugal para o amigável de hoje com a Suécia.



Mais de 300 crimes sexuais e 520 vítimas de assédio e *bullying*

RELATÓRIO APAV apoiou 9347 vítimas de crimes de violência em 2016. Em maior número as mulheres, num total de 5226, e idosos 1009

Todos os dias, em média, 14 mulheres, três idosos, duas crianças e dois homens são vítimas de crime, segundo dados divulgados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) relativos a 2016, que apontam um aumento de 8,1% no número de atendimentos.

Segundo as Estatísticas da APAV, foram apoiadas no ano passado pela associação 5226 mulheres (em média cem por semana), 1009 pessoas idosas, 826 crianças e jovens e 826 homens.

No ano passado, a APAV realizou 35 411 atendimentos, um número que aumentou 8,1% nos últimos três anos (32 770 em 2014 e 34 327 em 2015). Destes atendimentos resultaram 12 450 processos de apoio à vítima, nos quais se identificaram 9347 vítimas diretas de 21 315 crimes e outras formas de violência.

Dos 12 450 utentes assinalados pela APAV em 2016, 9347 foram vítimas de crime, das quais 7654 eram mulheres (81,9%), com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (40,6%) e viviam numa família nuclear com filhos (35%).

Apesar de cerca de 30% das vítimas estarem empregadas, há "um número ainda significativo" que se encontrava numa situação de desemprego (16%), sublinha o relatório, acrescentando que 92% das vítimas eram portuguesas, residindo a maioria nos distritos de Lisboa, Porto, Faro e Setúbal (52,3%).

No que diz respeito à relação da vítima com o/a autor(a) do crime, continuam a prevalecer as relações de cônjuge, companheiro, ex-cônjuge, ex-companheiro, ex-namorado(a) e namorado(a), totalizando 59% do total dos casos.

Cerca de 80% dos 9625 autores de crime registados pela APAV em 2016 eram homens, com idades entre os 35 e os 54 anos (23,1%).

Das situações que chegaram à APAV em 2016, 41% foram alvo de queixa numa entidade policial.

O relatório destaca ainda outras formas de violência, como o crime de *stalking* (assédio persistente), com 411 registos (1,9%), e o de *bullying* (109). **Lusa**

crimes : caracterização das vítimas

Total de vítimas em 2016
Idosos, crianças e jovens



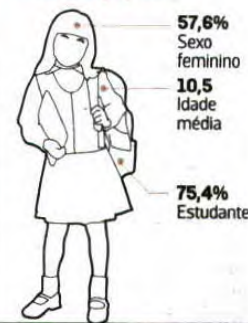
Média de casos por semana



Perfil geral da vítima



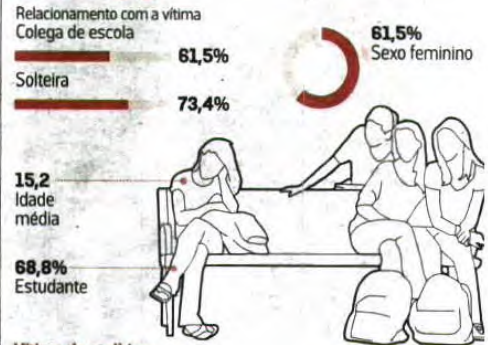
Vítima criança/jovem



Vítima idoso/a



Vítima de bullying



Vítima de stalking



FONTE: APAV, PT INFOGRAFIA IN

Violência doméstica Denúncias junto da Associação de Apoio à Vítima aumentaram da parte dos idosos e dos homens, mantendo-se os níveis elevados nas mulheres, com cem participações de agressão a cada semana

Uma vítima de “stalking” por dia

Dina Margato

dina.margato@jn.pt

► Nos últimos três anos, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou 1197 casos de “stalking”. 411 em 2016, segundo o relatório ontem divulgado. Ou seja, todos os dias é reportado um crime de perseguição persistente de alguém rejeitado, que deve merecer especial atenção, defende Daniel Cotrim, responsável pela APAV, porque está frequentemente associado aos atos mais hediondos dentro da categoria violência doméstica. No limite, acaba em homicídio.

“É um crime que, infelizmente, está muito associado ao homicídio conjugal”, explica Daniel Cotrim. “Estes atos perturbam a vida quotidiana da vítima, mas, muitas vezes, são desvalorizados. Dizem que o ex-companheiro não se adaptou à ideia da separação, que precisa de um tempo. Não têm noção do que lhes está a acontecer, que correm, muitas vezes, risco de vida”, afirma o psicólogo.

Os comportamentos de um “stalker” podem confundir-se com romantismo. Numa primeira fase, parecem amistosos e inofensivos: oferta de flores, cartões com declarações de amor, telefonemas frequentes, mensagens. Evoluem depois para a recolha de informação sobre a vítima junto de terceiros, amigos e familiares; visitas aos locais frequentados por essa pessoa; tentativas persistentes de aproximação física ou até atos de violência. Tudo isto enquanto a vítima deixa claro não estar interessada em manter contactos. Normalmente, a atuação do perseguidor tende a aumentar de intensidade. O padrão pode incluir também constelação de condutas.

Em Portugal, o “stalking” ganhou enquadramento jurídico específico em setembro de 2015, pelo que o seu autor pode ser punido com pena de prisão até três anos e isto se a pena mais grave não lhe couber por força de outra disposição legal. Antes disso, era

Mortes “Terrorismo doméstico” da última semana

● O número de mortes por violência doméstica registado nos últimos dias (seis) já superou o número de óbitos do atentado terrorista em Londres, Westminster, da semana passada, sublinha Daniel Cotrim, com a intenção de alertar para o flagelo social. “O terrorismo doméstico atinge proporções preocupantes e merece muito a nossa atenção.” Por isso, defende, é preciso que o sistema melhore as suas respostas, nomeadamente na articulação entre as vítimas e o sistema judicial, ainda demasiado moroso em casos que exigem a maior urgência. “É preciso dar mais informação às pessoas, é preciso saber criar planos de segurança, porque não há dois casos iguais.”

inserido nos crimes de devassa da vida privada ou ofensas físicas.

Mais homens e mais idosos

Do relatório da APAV 2016, registam-se 35411 atendimentos, mais 8,1% do que há três anos, tendo como pano de fundo, em 41,6% dos casos, queixas policiais. Repare-se que nem todos os casos são apoiados pela APAV e que também tem havido maior sensibilidade para pedir ajuda.

Daniel Cotrim destaca, ainda, o aumento de apoio prestado a idosos, na ordem dos 3,3%, e a homens, que cresceu 9,4%. As mulheres continuam a ser as principais vítimas: 100 pedidos de ajuda por semana, 19 de pessoas com mais de 65 anos, e 16 de crianças e jovens e 16 de homens. A idade média da vítima mulher é 43,6 anos e 28% têm filhos. Na escolaridade das vítimas, há mais gente com Ensino Superior do que com o Secundário. “O problema é transversal.” ●

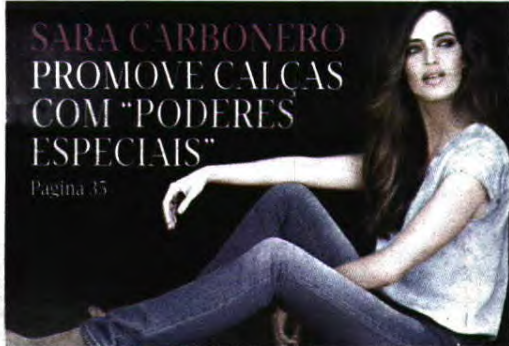


Terça-feira 28 de março 2017 • www.jn.pt • €1 • N.º 300 • Ano 129 • Diretor Afonso Camões • Diretor-executivo Domingos de Andrade • Subdiretores David Pontes e Inês Cardoso • Diretor de Arte Pedro Pimentel

Cortes de água proibidos à sexta e aumento das multas P.4 e 5

Jornal de Notícias

Quase 300 interessados em gerir monumentos nacionais ao abandono
Página 33



SARA CARBONERO PROMOVE CALÇAS COM "PODERES ESPECIAIS"
Página 35

• Auditoria à Direção-Geral deteta várias irregularidades, entre as quais a existência, em média, de um chefe para 4,5 trabalhadores P.6

Segurança Social Bónus ilegal de 12 dias de folgas

DENÚNCIAS À APAV AUMENTARAM POR PARTE DE IDOSOS E HOMENS Página 7
Violência doméstica
Todos os dias há uma vítima de "stalking"

Porto Vendedoras do mercado da Sé exigem obras para combater a crise
Página 19

Ponte aérea TAP espera um milhão de passageiros entre Porto e Lisboa
Página 20

Burla Extravio de malas em voos da Ryanair lesou seguradoras
Página 14



Benfica vende lugares em pé nos camarotes por 200 euros.

Procura de bilhetes para o clássico frente ao F. C. Porto levou águias a permitir maior número de espectadores no espaço das empresas
Página 42

Ronaldo
Regresso a casa como o mais bem pago do Mundo

Seleção defronta hoje Suécia na Madeira. Estádio lotado para homenagem ao craque
Páginas 40 e 47





Todos os dias 14 mulheres são vítimas de crime

Relatório APAV apoiou no ano passado 5.226 mulheres, 1.009 seniores, 826 crianças e jovens e 826 homens



D.R.

Sociedade cada vez mais atenta à violência doméstica

Todos os dias, em média, 14 mulheres, três seniores, duas crianças e dois homens são vítimas de crime, segundo dados ontem divulgados pela APAV relativos a 2016, que apontam um aumento de 8,1% no número de atendimentos.

Segundo as Estatísticas da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) - Relatório Anual 2016, ontem divulgadas, foram apoiadas no ano passado pela associação 5.226 mulheres (em média 100 por semana), 1.009 seniores (19 por semana), 826 crianças e jovens (16 por semana) e 826 homens (16 por semana). Em 2016, a APAV realizou 35.411 atendimentos, um número que aumentou 8,1% nos últimos três anos (32.770 em

2014 e 34.327 em 2015). Destes atendimentos resultaram 12.450 processos de apoio à vítima, nos quais se identificaram 9.347 vítimas directas de 21.315 crimes e outras formas de violência.

Dos 12.450 utentes assinalados pela APAV em 2016, 9.347 foram vítimas de crime, das quais 7.654 eram mulheres (81,9%), com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (40,6%) e viviam numa família nuclear com filhos (35%).

Das vítimas que indicaram o seu estado civil, 28,6% eram casadas e 21,1% eram solteiras. Os dados apontam que mais de um terço pertencia a uma família nuclear com filhos e 11,5% a famílias monoparentais.

Apesar de cerca de 30% das

vítimas estarem empregadas, há «um número ainda significativo» que se encontrava numa situação de desemprego (16%), sublinha o relatório, acrescentando que 92% das vítimas eram portuguesas, sendo que a maioria residia nos distritos de Lisboa, Porto, Faro e Setúbal (52,3%).

No que diz respeito à relação da vítima com o/a autor/a do crime, continuam a prevalecer as relações de cônjuge, companheiro, ex-cônjuge, ex-companheiro, ex-namorado e namorado/a, totalizando 59% do total dos casos. Cerca de 80% dos 9.625 autores de crime registados pela APAV em 2016, eram homens, com idades entre os 35 e os 54 anos (23,1%).

Dos níveis de escolaridade referenciados, destacam-se o ensino superior; o ensino secundário e o ensino básico de 3º ciclo, perfazendo um total de 16,7%. Tal como no caso das vítimas, também o autor do crime se encontrava maioritariamente no estado civil de casado (29,6%), seguindo-se os solteiros (11,3%). Em mais de 30% das situações, estes encontravam-se empregados. Em mais de 50% das situações, o crime ocorreu na residência comum da vítima e do autor do crime, seguindo-se a residência da vítima (16,7%).



A quinta região com mais casos

Açores registam dos valores mais altos em vítimas de violência

Os Açores apresentam um dos valores mais elevados do país em registo de violência e vitimização, segundo os dados agora divulgados pela APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), a que o nosso jornal teve acesso.

Trata-se do Relatório Anual 2016, onde a APAV diz que registou 399 casos nos Açores, representando 4,3%, o quinto valor mais elevado das vinte regiões do país.

Lisboa, Porto, Setúbal e Coimbra lideraram no número de casos, seguindo-se os Açores.

A análise dos destaques efectuados neste relatório permite aferir os diferentes contextos da vitimização, designadamente os diferentes tipos de vítimas.

Como sejam as 1.009 pessoas idosas (+65 anos) vítimas de crime (em média 3 por dia e 19 por semana);

as 826 crianças e jovens (em média 2 por dia e 16 por semana); as 5.226 mulheres adultas (em média 14 por dia e 100 por semana) e os 826 homens adultos (em média 2 por dia e 16 por semana).

93% são crimes contra as pessoas

No âmbito da formação e da sensibilização e prevenção da violência e do crime foram ministradas 732 actividades formativas, abrangendo 32.239 formandos/participantes.

Destacam-se neste Relatório os dados relativos ao trabalho da APAV na prevenção secundária e terciária, isto é, no apoio directo às vítimas de crime (secundária) e nos cuidados de reabilitação e a reintegração das vítimas (terciária).

Porém, a APAV tem também investido na prevenção primária, intervindo para prevenir a vitimização.

Da análise efectuada aos atendimentos registados nos últimos 3 anos, a APAV registou um aumento de 8,1% dos atendimentos.

Relativamente aos crimes e outras formas de violência registados, o destaque vai para os crimes contra as pessoas, com uma dimensão de 93,3% face ao total.

De entre estes, o destaque vai para os maus tratos físicos e psíquicos, que representam cerca de 77%.

Fora do âmbito dos crimes Contra as Pessoas, destacam-se as outras formas de violência, com o crime de stalking/assédio persistente, com cerca de 400 registos (1,9%).

Quanto aos crimes contra o património, foi o crime de dano que se evidenciou (173; 0,8%).

81% são do sexo feminino

Das 9.347 vítimas de crime que recorreram aos serviços da APAV no ano de 2015, 81,9% eram do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (40,6%);

399 casos registados nos Açores em 2016



sobretudo casadas (29%) e com um tipo de família nuclear com filhos/as (35%).

Relativamente à escolaridade, o ensino superior evidenciava-se (7,4%) face aos restantes graus de ensino conhecidos.

29% das vítimas exerce actividade profissional

Cerca de 29% destas vítimas exercia uma actividade profissional.

As vítimas de crime acompanhadas pela APAV em 2016 foram alvo de 9.625 autores/as de crime.

Destes/as, 80% eram do sexo masculino e tinham idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos (23%). 30% eram casados e possuíam uma ocupação profissional (30,6%).

O tipo de vitimização continuada foi o mais registado em 2016, representando 75,8% dos casos.

De acordo com os dados recolhidos os locais do crime mais referenciados foram a residência comum, a residência da vítima e o lugar/via pública.

Foi formalizada queixa/denúncia junto das entidades policiais em 41,6% das situações.

No que diz respeito ao ano de 2016, a APAV registou um total de 35.411 atendimentos (atendimentos subsequentes - acompanhamento de casos).

Do trabalho da APAV em 2016 resultaram 12.450 processos de apoio à vítima, nos quais se identificaram 9.347 vítimas directas de 21.315 crimes e outras formas de violência.

jornal@diariosdosacores.pt

Distrito de residência	N	%
Arquipélago dos Açores	399	4,3
Arquipélago da Madeira	48	0,5
Aveiro	230	2,5
Beja	87	0,9
Braga	312	3,3
Bragança	52	0,6
Castelo Branco	46	0,5
Coimbra	408	4,4
Évora	62	0,7
Faro	841	9
Guarda	41	0,4
Leiria	125	1,3
Lisboa	2229	23,8
Portalegre	33	0,4
Porto	1172	12,5
Santarém	332	3,6
Setúbal	651	7
Viana do Castelo	39	0,4
Vila Real	231	2,5
Viseu	118	1,3
ñs/ñr	1891	20,2
Total	9.347	100



ID: 68819633

28-03-2017



VÍTOR SILVA É O NOVO LÍDER DO PCP DOS AÇORES

REGIONAL | PÁG. 6

Pub.

abOURO
 COMPRA JÓIAS | OURO | PRATA
 MESMO PEÇAS PARTIDAS

PAGO A DINHEIRO NA HORA
 SIGILO, HONESTIDADE E PRIVACIDADE

AVALIADOR DE ARTIGOS COM METAIS PRECIOSOS E DE MATERIAIS GEMOLÓGICOS

962 505 090
 ABOURO@SAPAO.PT
 RUA MACHADODOS SANTOS N.52 PONTA DELGADA


Diário dos Açores

O quotidiano mais antigo dos Açores

0,70 € Fundado em 1870 por M. A. Tavares de Resende
 Director Paulo Hugo Viveiros Director Executivo Osvaldo Cabral
 Terça-feira, 28 de Março de 2017 | Ano 147 | N.º 41.234

A 5ª REGIÃO COM MAIS CASOS AÇORES REGISTAM DÓS VALORES MAIS ALTOS EM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

REGIONAL | PÁG. 3



PORTUGUESES FAZEM RESERVAS COM MAIOR ANTECEDÊNCIA AÇORES SÃO DOS DESTINOS MAIS PROCURADOS PARA A PÁSCOA E VERÃO

REGIONAL | PÁG. 3



PARA RESERVAS SÓ ATÉ AMANHÃ

RYANAIR RESPONDE À EASYJET COM PROMOÇÃO DE 28,99 EUROS EM OUTUBRO E NOVEMBRO

REGIONAL | PÁG. 4



VENDAS BAIXARAM NAS GRANDES SUPERFÍCIES COMPRAMOS AO EXTERIOR 66% DOS PRODUTOS ALIMENTARES

REGIONAL | PÁG. 4



FEIÃO DE QUINTA A DOMINGO COM PREÇOS AINDA MAIS BAIXOS!

A MELHOR SELECÇÃO DE PRODUTOS TODOS OS DIAS

CONTINENTE

ARNALDO OURIQUE REFLEXÃO SOBRE A REFORMA DA AUTONOMIA

OPINÃO | PÁG. 8



ZONA BALNEAR DA FERRARIA INTERDITA DEVIDO A DERROCADA

REGIONAL | PÁG. 6

DETIDOS 3 HOMENS POR TRÁFICO DE DROGA NA RIBEIRA GRANDE

REGIONAL | PÁG. 4

ERA IMOBILIÁRIA
 t. 296 650 240
 era.pt | pontadelgada | pontadelgada@era.pt

 FETEIRAS ref. 093170113 Terreno Rústico c/ Potencial p/ Construção de uma Moradia Isolada. Oportunidade. PREÇO: 32.500,00€	 SÃO SEBASTIÃO ref. 093160294 Terreno c/ 3.080 m2. Viabilidade de Construção. Vista Panorâmica. PREÇO: 365.000,00€	 RABO DE PEIXE ref. 093160445 Quinta c/ Viabilidade de Construção. Bons Acessos. PREÇO: 75.000,00€	 RABO DE PEIXE ref. 093160446 Moradia V3 c/ Garagem. Quintal c/ 134 m2. Boas Áreas. PREÇO: 99.000,00€
---	---	--	--

ApartBase - Soc. de Med. Imobiliária, Lda, AvM 5179, Cada Loja é jurídica e financeiramente independente.

Todos os dias 14 mulheres são vítimas de crime

Relatório APAV apoiou no ano passado 5.226 mulheres, 1.009 seniores, 826 crianças e jovens e 826 homens



D.R.

Sociedade cada vez mais atenta à violência doméstica

Todos os dias, em média, 14 mulheres, três seniores, duas crianças e dois homens são vítimas de crime, segundo dados ontem divulgados pela APAV relativos a 2016, que apontam um aumento de 8,1% no número de atendimentos.

Segundo as Estatísticas da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) - Relatório Anual 2016, ontem divulgadas, foram apoiadas no ano passado pela associação 5.226 mulheres (em média 100 por semana), 1.009 seniores (19 por semana), 826 crianças e jovens (16 por semana) e 826 homens (16 por semana). Em 2016, a APAV realizou 35.411 atendimentos, um número que aumentou 8,1% nos últimos três anos (32.770 em

2014 e 34.327 em 2015). Destes atendimentos resultaram 12.450 processos de apoio à vítima, nos quais se identificaram 9.347 vítimas directas de 21.315 crimes e outras formas de violência.

Dos 12.450 utentes assinalados pela APAV em 2016, 9.347 foram vítimas de crime, das quais 7.654 eram mulheres (81,9%), com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (40,6%) e viviam numa família nuclear com filhos (35%).

Das vítimas que indicaram o seu estado civil, 28,6% eram casadas e 21,1% eram solteiras. Os dados apontam que mais de um terço pertencia a uma família nuclear com filhos e 11,5% a famílias monoparentais.

Apesar de cerca de 30% das

vítimas estarem empregadas, há «um número ainda significativo» que se encontrava numa situação de desemprego (16%), sublinha o relatório, acrescentando que 92% das vítimas eram portuguesas, sendo que a maioria residia nos distritos de Lisboa, Porto, Faro e Setúbal (52,3%).

No que diz respeito à relação da vítima com o/a autor/a do crime, continuam a prevalecer as relações de cônjuge, companheiro, ex-cônjuge, ex-companheiro, ex-namorado e namorado/a, totalizando 59% do total dos casos. Cerca de 80% dos 9.625 autores de crime registados pela APAV em 2016, eram homens, com idades entre os 35 e os 54 anos (23,1%).

Dos níveis de escolaridade referenciados, destacam-se o ensino superior; o ensino secundário e o ensino básico de 3º ciclo, perfazendo um total de 16,7%. Tal como no caso das vítimas, também o autor do crime se encontrava maioritariamente no estado civil de casado (29,6%), seguindo-se os solteiros (11,3%). Em mais de 30% das situações, estes encontravam-se empregados. Em mais de 50% das situações, o crime ocorreu na residência comum da vítima e do autor do crime, seguindo-se a residência da vítima (16,7%).

RELATÓRIO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO FOI ONTEM APRESENTADO

APAV apoiou em 2016 351 vítimas do Minho



Os dados apontam para um aumento de 8,1% no número de atendimentos pela APAV

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) apoiou ao longo de 2016 um total de 351 vítimas de crime residentes na região do Minho, de acordo com os dados ontem divulgados pelo Relatório Anual 2016.

© CARLA ESTEVES*

Segundo as estatísticas, no ano passado foram apoiadas pela associação 5226 mulheres (em média 100 por semana), 1009 pessoas idosas (19 por semana), 826 crianças e jovens (16 por semana) e 826 homens (16 por semana), segundo as Estatísticas da APAV – Relatório Anual 2016.

Em 2016, a APAV realizou 35.411 atendimentos, um número que aumentou 8,1% nos últimos três anos (32.770 em 2014

e 34.327 em 2015).

Destes atendimentos resultaram 12.450 processos de apoio à vítima, nos quais se identificaram 9347 vítimas diretas de 21.315 crimes e outras formas de violência.

Destas 9347 vítimas diretas de crime, 312 vítimas, ou seja, cerca de 3,3%, eram residentes no distrito de Braga, ao passo que 39 vítimas residiam, ou seja, cerca de 0,4% residiam no distrito de Viana do Castelo, sendo que a maioria residia nos distritos de Lisboa, Porto, Faro e Setúbal (52,3%).

De acordo com a APAV, todos os dias, em média, em todo o país, 14 mulheres, três idosos, duas

3,3%

”

É esta a percentagem das vítimas diretas de crime residentes no distrito de Braga.

crianças e dois homens são vítimas de crime, sendo que os dados apontam para um aumento de 8,1% no número de atendimentos. No que respeita ao estado civil, 28,6% das vítimas eram casadas e 21,1% eram solteiras. No que respeita ao número de filhos, mais de um terço pertencia a uma família nuclear com filhos e 11,5% a famílias monoparentais.

No que respeita à situação profissional, o relatório sublinha que 30% das vítimas se encontravam empregadas, havendo «um número ainda significativo» que se encontrava numa situação de desemprego (16%), sendo que relativamente à escolaridade, o número de vítimas que frequentavam o ensino superior evidenciava-se (7,4%) face aos restantes graus de ensino conhecidos.

Cerca de 80% dos 9.625

autores de crime registados pela APAV em 2016, eram homens, com idades entre os 35 e os 54 anos (23,1%) e tal como no caso das vítimas, também o autor do crime se encontrava maioritariamente no estado civil de casado (29,6%), seguindo-se os solteiros (11,3%). Em mais de 30% das situações, estes encontravam-se empregados.

O mesmo relatório apontava ainda para o facto de o contexto das relações de intimidade continuar a sobressair no que diz respeito à relação da vítima com o/a autor/a do crime. As relações de cônjuge, companheiro/a, ex-cônjuge, ex-companheiro/a, ex-namorado/a e namorado/a no seu conjunto totalizam 59% das relações existentes entre vítima e autor/a do crime.

De acordo com o mesmo relatório em mais de 50% das situações, o crime ocorreu na residência comum da vítima e do autor do crime, seguindo-se a residência da vítima (16,7%).

*com Lusa



Jimmy P apresenta o livro *Amar-te e Respeitar-te* aos alunos do Colégio de Gaia

No mês dedicado aos afetos, Jimmy P lançou um livro dedicado à problemática da violência no namoro, em coautoria com Helena Santos. O músico e compositor esteve no Colégio de Gaia a apresentar o livro e interpretou três músicas de sua autoria.

■ JOANA ROBALINHO
JOANA SANTOS

Joana Robalinho (JR): Em que consiste o projeto *Amar-te e Respeitar-te*?

JimmyP (JP): Existem três histórias que ilustram realidades alusivas à violência no namoro e também três músicas para complementar essa informação. Este livro pretende despertar as pessoas, sensibilizá-las e levá-las a refletir sobre esta questão, mas pretende, acima de tudo, dotá-las de ferramentas para combaterem a violência no namoro, pois esta vai, muitas vezes, para além de um insulto ou de uma “chapada”. No fundo, é um projeto que visa combater a violência.

Joana Santos (JS): Quais os assuntos abordados?

JP: O que fizemos foi narrar três histórias em que os intervenientes estão sujeitos à condição de vítimas. Tanto pode ser um rapaz como uma rapariga. Aliás, pode acontecer em todo o tipo de relações, sejam elas hetero ou homossexuais. Depois, esta realidade é exibida nas redes sociais, como retrata a terceira história. Quando se trata de expor a privacidade nas redes sociais, e quando há chantagem emocional, as coisas ganham uma profundidade muito mais grave e, por isso, temos insistido em abordar essa temática, porque as pessoas vivem tanto a vida real como a virtual.

JR: Há uma relação entre as músicas e as histórias contadas?

JP: Sim, há uma relação íntima que acho que é inevitável. O papel da música é, no fundo, contar as histórias, sejam elas quais forem e fazer com que as pessoas se liguem emocionalmente a essa história. Acho que, havendo esta iniciativa, e sendo eu músico, fazia todo o sentido haver essa complementaridade.

JS: O objetivo é influenciar os jovens?

JP: É extremamente pretensioso dizer isso, mas não custa nada tentar fazer alguma coisa. Aquilo que, de certa forma, me moveu a envolver-me neste projeto foi o facto de tentar fazer a diferença de alguma maneira. Se calhar, num universo de 100 pessoas, há cinco ou 10 que vão assimilar a informação transmitida. Já estamos, assim, a plantar uma semente.

JR: O que lhe deu mais prazer na elaboração deste projeto?

JP: Não vou dizer que foi escrever os conteúdos, porque não foi. Aliás, é a parte mais chata. O que me dá prazer é fazer música. Mas parti dessas histórias e illustrei-as em música. Uma coisa é eu estar a fazer música sobre coisas que eu vivo e que me estimulam, isso é fácil. Outra coisa é pegar numa história fictícia e tentar traduzir aquilo em música, que é uma coisa que nunca fiz. Foi um desafio, mas super interessante.

JS: Considera então que a música é a forma mais fácil de chegar aos jovens?

JP: Eu venho de uma geração em que éramos obrigados a ler livros e acho que agora as pessoas passam mais tempo a ouvir música. Por isso, acho que a música é um veículo e uma ferramenta mais poderosa para veicular informação. Pela música, podemos consciencializar os jovens para a problemática da violência no namoro, cujas consequências podem ser devastadoras.

Um olhar sobre a violência no namoro

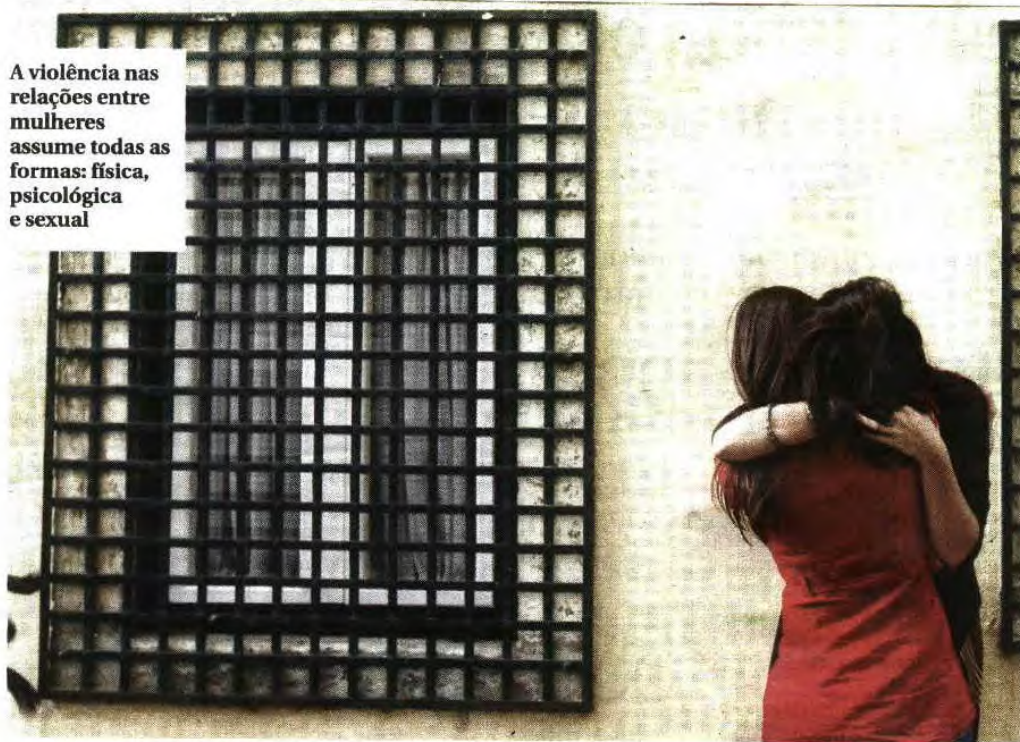
■ JULIANA SILVA / MÓNICA CARVALHAIS

O projeto *Amar-te e Respeitar-te*, desenvolvido em coautoria por Joel Plácido, mais conhecido como Jimmy P, pretende acompanhar e alertar para situações de violência no namoro, dando aos jovens “ferramentas de diagnóstico e de prevenção de comportamentos agressivos nas relações dos próprios e/ou dos seus pares”. O método pedagógico abarca o livro, os temas originais, compostos pelo músico, e uma peça de teatro dirigida aos alunos do 3.º ciclo dos Ensinos Básico e do Secundário. Com três histórias de pura ficção sobre atos violentos no namoro, a obra apresenta realidades distintas, nomeadamente, a vivida pela vítima masculina, com a história “Os homens não choram!”, a realidade da vítima feminina, com o caso “Quanto mais me bates...” e a de uma relação de namoro vivida (não só, mas também) no universo da Internet, com a narrativa “Todos os dias da nossa vida real e virtual!”. Aborda, ainda, um capítulo com “Dicas e Conselhos”, em que são explorados inúmeros pontos relacionados com a Violência no Namoro. No final de cada história, encontra-se disponível a letra das músicas que Jimmy P produziu — “Ficar bem”, “Quando dá errado” e “Como tu”.

O livro expõe, também, “os passos para o desenvolvimento de uma campanha escolar de combate à violência no namoro”, que se destina a nortear esta temática nas escolas. O projeto estabelece uma parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que disponibilizará uma Linha de Apoio da APAV, no site do “Amar-te e Respeitar-te” para ajuda às vítimas.



A violência nas relações entre mulheres assume todas as formas: física, psicológica e sexual



Três mulheres são agredidas por mês pelas companheiras

Relatório. A APAV registou 65 vítimas de violência doméstica nas relações homossexuais, 43 das quais mulheres. Aqui o estigma é a dobrar

RUTE COELHO

Por mês, há três mulheres agredidas pelas suas companheiras em relações lésbicas, com o número total desta violência a atingir 43 vítimas no ano passado. Em 65 casos de violência doméstica nas relações homossexuais, dois terços das vítimas foram mulheres, segundo os dados do relatório anual da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) referentes a 2016.

A média de idade das vítimas é de 43,6 anos e uma boa parte tem estudos superiores (ver infografia). Um dos casos que chegaram à APAV ilustra bem a "dupla estigmatização" que estas mulheres sofrem, nas palavras de Daniel Cotrim, psicólogo e assessor técnico da direção da APAV. Uma mulher apresentou-se nas urgências de um hospital de Lisboa acompa-

nhada de outra mulher. Tinha sido agredida e violada. O caso foi registado como vítima de violação por um homem desconhecido. Mas, na realidade, a violadora era a mulher que estava ao seu lado, a sua companheira há mais de seis anos, que insistiu em levá-la ao hospital

depois de a agredir sexualmente. No hospital passou facilmente por sua "amiga".

"Nas dinâmicas LGBT [Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Transgéneros], a dupla estigmatização significa ser-se vítima de um crime e ainda ter receio de se ser

rotulado de lésbica ou homossexual, ou seja o que for."

No caso que Daniel Cotrim contou, a mulher vítima de violação só ganhou coragem para pedir apoio à APAV "quando percebeu que a sua vida corria riscos graves". O casal em causa era composto por duas mulheres de classe média e com estudos superiores.

"Muitas agressoras ameaçam expor as vítimas (*outing*), usando o facto de a família ou dos amigos desconhecer que elas têm uma relação homossexual", refere Daniel Cotrim. O "medo" do "insulto social" é ainda maior do que o sentido pelas vítimas em uniões heterossexuais.

O psicólogo recordou também um caso de uma mulher apoiada pela APAV que foi para uma casa de abrigo e ainda teve direito a teleassistência. "Por um lado, teve duas medidas de proteção. Por outro lado, a sua companheira, que a agrediu várias vezes, que a tentou matar e a perseguir, foi condenada apenas a uma pena suspensa de quatro anos." Tal como acontece nas relações heterossexuais, "o tempo da justiça não se coaduna com as necessidades das vítimas". E também nas relações entre mulheres a fronteira das agressões para a morte é muito ténue: "Em 2015 houve um caso de uma mulher assassinada pela companheira com uma arma branca."

ILGA teve 70 pedidos de ajuda

O Serviço de Apoio a Vítimas LGBT da ILGA (Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero), coordenado por Joana Peres, já teve 20 contactos presenciais desde janeiro e mais de 50 pedidos de ajuda por telefone, e-mail ou Skype. "Nos contactos presenciais são muitas as situações de trauma de relações anteriores e apenas algumas de violência nas relações conjugais", adianta Joana Peres, que não conseguiu precisar quantos desses contactos foram de mulheres e quantos de homens. "Mas na maioria dos casos pedem-nos ajuda e não formalizam queixa", diz.

Há um facto assinalável: "As mulheres vítimas nas relações conjugais homossexuais são mais vulneráveis do que as heterossexuais. Para a maioria das pessoas, duas mulheres a viverem na mesma casa são amigas. A relação é tão invisível que para a maioria das pessoas não existe."

E os filhos são usados como arma de arremesso nas relações lésbicas porque só há pouco tempo é que foi aprovada a coadoção. "Quando há uma separação e os filhos são apenas de uma das mães, a outra pessoa fica desprotegida quanto à guarda das crianças."

A linha de apoio LGBT da ILGA tem estes números: 218873922 ou 969239929 (4.ª a dom., das 20.00 às 23.00).

Relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo

VÍTIMA HOMEM (N: 22)



Idade média: 45,7 anos



VÍTIMA MULHER (N: 43)



Idade média: 43,6 anos



APAV Açores



COORDENAÇÃO SÍLVIA BRANCO | EMAIL silviabranco@apav.pt

Discriminação Racial ou Étnica

Nota de Abertura

APAV Açores 10 Anos a Dar Voz ao Silêncio

Uma década passa a correr. No momento em que a APAV Açores nasceu, em Julho de 2007, estava dado o primeiro passo para se consolidar como voz ativa na sociedade açoriana, quebrando o silêncio e possibilitando que cada vítima pudesse ver a sua voz ouvida.

A APAV Açores surgiu da necessidade de prestar atenção e apoio especializado a quem é vítima de crime, contribuindo para uma sociedade mais justa e equilibrada, promovendo, em simultâneo, uma comunidade mais formada, informada e sensibilizada. O trabalho de 10 anos recorda um trajeto seguramente difícil, que apenas pôde ser trilhado graças ao esforço, dedicação e empenho de todos os que nele participaram - Voluntários e Colaboradores - e que hoje se assinala na forma de um projeto qualificado e inovador na Região Autónoma dos Açores.

Cientes do incontornável reconhecimento público conquistado, mas despertados para a necessidade de continuar a dar resposta às necessidades e desafios de uma sociedade em constante transformação e mudança, detemo-nos neste 10.º aniversário para ponderar e analisar o percurso que para trás deixamos, preparando um futuro que se espera promissor. ♦

“Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei” - artigo 13.º da Constituição da República Portuguesa

Agir com respeito ao princípio da igualdade significa não exercer qualquer discriminação, direta ou indireta, contra uma pessoa ou grupo de pessoas. A discriminação, portanto, estará configurada quando existir uma ação ou omissão que dispense um tratamento diferenciado (inferiorizado) a uma pessoa ou grupo de pessoas, em razão da sua pertença a uma determinada raça, cor, sexo, nacionalidade, origem étnica, orientação sexual, identidade de género.

De acordo com a legislação portuguesa, a discriminação racial pode tanto constituir um crime como uma contraordenação. A discriminação enquanto crime está prevista no artigo 240.º do Código Penal, o qual prevê que quem fundar ou constituir organização ou desenvolver atividades de propaganda organizada que incitem à discriminação, ao ódio ou à violência contra pessoa ou grupo de pessoas por causa da sua raça, cor, origem étnica ou nacional, religião, sexo, orientação sexual ou identidade de género, ou que a encorajem; ou participar na organização ou nas atividades acabadas de referir ou lhes prestar assistência,

incluindo o seu financiamento, é punido com pena de prisão de 1 a 8 anos.

A referida norma prevê ainda que quem, em reunião pública, por escrito destinado à divulgação ou através de qualquer meio de comunicação social ou sistema informático destinado à divulgação i) provocar atos de violência contra pessoa ou grupo de pessoas por causa da sua raça, cor, origem étnica ou nacional, religião, sexo, orientação sexual ou identidade de género; ou ii) difamar ou injuriar pessoa ou grupo de pessoas por causa da sua raça, cor, origem étnica ou nacional, religião, sexo, orientação sexual ou identidade de género, nomeadamente através da negação de crimes de guerra ou contra a paz e a humanidade; ou iii) Ameaçar pessoa ou grupo de pessoas por causa da sua raça, cor, origem étnica ou nacional, religião, sexo, orientação sexual ou identidade de género, é punido com pena de prisão de 6 meses a 5 anos.

No âmbito laboral, o Código do Trabalho (Lei n.º 7/2009) também contém disposições que proíbem a discriminação por motivos raciais no acesso ao trabalho e emprego.

Quem é a vítima?

Em Portugal, a maioria das vítimas de discriminação racial ou étnica são migrantes ou pessoas percebidas como tal, pessoas de etnia cigana e pessoas não-caucasianas.

A discriminação racial acarreta um duplo impacto: o impacto do próprio crime praticado (como lesões físicas, no caso de

SE É VÍTIMA
DE DISCRIMINAÇÃO
CONTE-NOS A SUA HISTÓRIA.

*If you're a victim
of discrimination,
tell us your story.*

Если вы стали жертвой
дискриминации расскажите
нам свою историю.



www.apav.pt

APAV
Apoio à Vítima

crime) e o impacto decorrente da mensagem que o crime pretende passar - de que aquela pessoa e o grupo ao qual ela pertence não são tolerados pela comunidade maioritária.

Por isso, as vítimas de discriminação temem constantemente novas situações de vitimação, isolam-se e podem ter dificuldades em interagir com outras pessoas.

Porque precisamos de apoio

As vítimas de discriminação necessitam de apoio tanto para superar as consequências diretas da vitimação (lesões, danos, privação do exercício de direitos), como das consequências indiretas, de

forma a trabalhar a sua auto-estima, auto valorização e confiança na sociedade maioritária. Por isso, o apoio psicológico especializado é essencial.

O receio de reviver a situação sofrida, a falta de conhecimento sobre os seus direitos e a falta de confiança nas pessoas e nas instituições, bem como falta de interesse de melhorar a lei são fatores que contribuem para que as vítimas não denunciem as situações de discriminação.

Por isso, o apoio especializado às vítimas de discriminação também é essencial para possibilitar um maior número de denúncias. ♦



APAV Banalização de casas-abrigo

● A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) denunciou ontem a banalização de casas-abrigo para vítimas de violência doméstica. "Não se pode continuar a recorrer às casas-abrigo como uma espécie de depósito para colocar situações que não se sabe muito bem o que fazer com elas", disse Daniel Cotrim, da APAV.



FRASE

**NÃO SE PODE
RECORRER ÀS
CASAS-ABRIGO
COMO DEPÓSITO
[DE VÍTIMAS
DE VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA]"**

**DANIEL
COTRIM**
DIREÇÃO DA
ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE APOIO
À VÍTIMA (APAV)

APAV alerta para a banalização das casas de abrigo

29/03/2017



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) denuncia que as casas de abrigo para vítimas de violência doméstica passaram a ser usadas como “espécie de depósito” para situações mais complicadas.

Em entrevista à agência Lusa, por ocasião dos 10 anos da criação da casa de abrigo ALCIPE, que recebe mulheres vítimas de violência doméstica, Daniel Cotrim, assessor técnico da APAV, aponta alguns desvios no tipo de resposta dado por essas instituições e como maior desafio a autonomização das mulheres.

O técnico, que, no geral, faz um balanço positivo do trabalho feito, considera que o acolhimento prestado por essas instituições “passou a ser muito uma resposta social”, em que “muitas vezes” se fazem triagens “apressadamente” de situações encaminhadas para casas de abrigo que depois as equipas técnicas percebem que não deviam ter sido para ali destinadas.

“Tem-se banalizado o uso da casa de abrigo e na APAV achamos, inclusivamente, que o número de casas de abrigo é suficiente para a realidade nacional”, apontou.

Casa ALCIPE acolheu mais de 230 mulheres vítimas de violência doméstica

Mais de 230 mulheres e perto de 280 crianças passaram pela casa de abrigo ALCIPE, da APAV, que assinala 10 anos e foi a casa temporária de mulheres vítimas de violência doméstica, como Sónia e Sara.



Sara e Sónia passaram pela casa de abrigo ALCIPE, gerida pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), em 2009, três anos depois de a casa ter recebido as primeiras mulheres vítimas de violência doméstica.

^{PLB} Sónia chegou no dia 15 de janeiro, depois de as coisas no casamento de oito anos "terem descambado um bocadinho". Recordava-se de que chovia muito, mas também de que encontrou dois pratos na mesa, para si e para a filha, além de "gente simpática", que a acolheu e lhe disse: "Não tenhas medo, está tudo bem".

Lembra-se que "estava cheia de medo" porque havia muita gente implicada naquela história, desde família a amigos, mas também que, pela primeira vez, sentia que era ouvida e que davam importância ao que dizia.

Depois de ouvida na APAV, seguiu "rumo a um novo espaço, a uma nova casa, a uma nova vida", onde, admitiu, entrou "muito assustada" e por onde ficou dois anos.

"Tive ali um processo de seis meses em que não aceitava muita coisa, não aceitava que me impusessem nada porque estava numa fase de contradição e negação e eu queria fazer o trabalho à minha medida", contou Sónia.

No entanto, foi graças a essa fase, a que chama de "motor de arranque", que Sónia aprendeu a ser mais autónoma e a confiar mais em si própria e nas suas capacidades, além de a terem ajudado a perceber a quantidade de coisas que sabia fazer e que não precisava de ninguém a dizer-lhe o que tinha de fazer.

"A minha autoestima subiu, encontrei-a de novo, o respeito por mim, o respeito pelos outros, todas aquelas coisas que eu achava que não conseguia fazer, estavam lá", contou.

Olhando para trás, tem a certeza que "o caso não se resolvia" sem ela se afastar, razão pela qual não se arrepende de nada e acredita que tudo aconteceu como tinha de ser. Hoje diz que está "no auge", tem o trabalho de que gosta, já tirou a carta de condução e deseja aprender sempre mais.

14.ª CORRIDA DA SOLIDARIEDADE ISCPSI/APAV

14.ª Corrida da Solidariedade ISCPSI/APAV

Detalhes do evento

Início: 25 Março 2017

Local: Lisboa

Categorias: Estrada

www.corridadesolidariedade.org



14ª CORRIDA DE SOLIDARIEDADE ISCPSI-APAV

14ª CORRIDA DE SOLIDARIEDADE E MARCHA DAS FAMÍLIAS - ISCPSI/APAV 26 MAR - 10H - ALCÂNTARA/BELÉM

O Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI), em parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e diversas entidades, vão realizar no dia 26 de março de 2017, pelas 10 horas, a 14ª Corrida de Solidariedade ISCPSI-APAV.

A 14ª Corrida de Solidariedade ISCPSI-APAV desenvolve-se no âmbito de um Projecto-escola do ISCPSI, visando fomentar actividades de apoio a causas sociais e/ou de angariação de fundos para instituições de solidariedade social, num regime de total voluntarismo, potenciando o combate à exclusão.

A prova terá um percurso com 10 km de distância, com partida na Rua 1ª de Maio, frente ao ISCPSI e chegada na Praça do Império (lado sul). O percurso encontra-se aferido oficialmente pela Federação Portuguesa de Atletismo – Comissão Nacional de Estrada e Corta Mato. A prova de atletismo não contempla escalões etários. Assim, os atletas participantes na mesma serão classificados apenas de acordo com a classificação geral masculino e feminino para efeitos de atribuição de prémios.

Em simultâneo, também será realizada uma marcha de aproximadamente 3,5 km, com a denominação de "Marcha das Famílias", sem qualquer carácter competitivo.

INSCRIÇÕES:

Devem ser efetuadas online no site da prova.

REGULAMENTO: [Condições gerais](#)

LOCALIZAÇÃO: [Lisboa](#),

DATA: [Domingo, 26 Março, 2017 - 10:00](#)

DISTÂNCIA: [10.00 km](#)

RESULTADOS GERAIS: [CSISCPSIAPAV_17](#)

FOTOGRAFIAS: [Corrida de Solidariedade ISCPSI / APAV \(Facebook\)](#)

WEBSITE: www.corridadesolidariedade.org